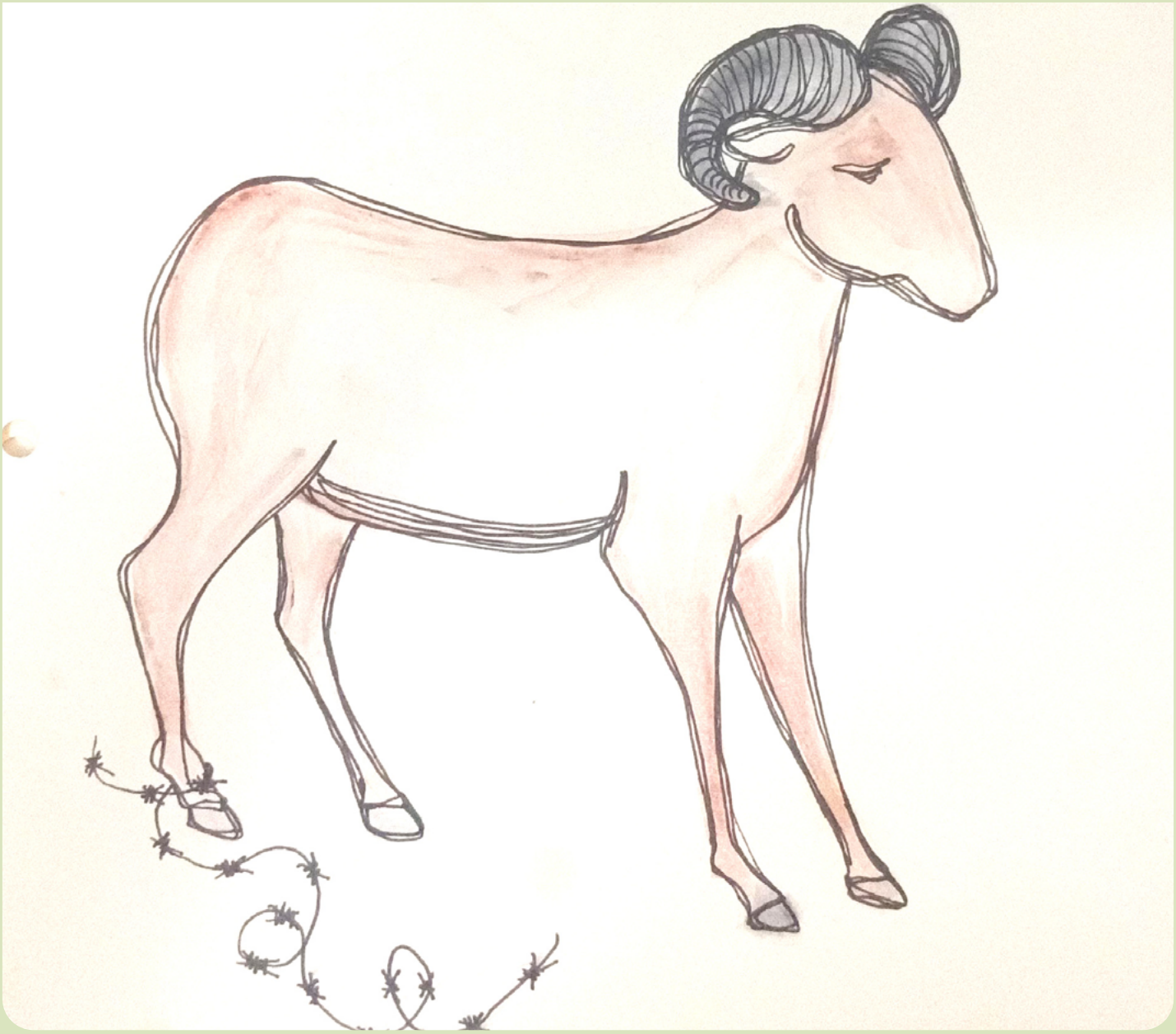
Música, Palavra e Movimento nos/dos (re)contos de Câmara Cascudo: música tradicional e criação musical

Maristela de Oliveira Mosca
Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN
maristelamosca@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-8731-0372

Recebido em: 07/07/2025
Aprovado em: 28/09/2025
dx.doi.org/10.33054/MEB1417D01



Resumo

O presente texto apresenta uma proposição pedagógico-musical com/para crianças da Educação Infantil, tendo o conto tradicional como dispositivo para uma sequência de atividades. A proposição de levar o conto tradicional para a sala de aula expande a simplicidade de musicar uma história, pautando caminhos possíveis para uma educação musical que priorize a criação, a coletividade, a curiosidade e as descobertas. A legitimação da música tradicional das infâncias, do trabalho com a música, o movimento e a palavra, dão o tom a esse exercício criativo. Nesse sentido, buscamos que as experiências musicais com crianças se constituam em possibilidades diversas de criação, protagonismo e (re)encontro com as infâncias.

Palavras-chave: Conto Tradicional. Música e Movimento. Educação Infantil.

Music, Speech, and Movement in/from the stories of Câmara Cascudo: Traditional Music and Music Creation

Abstract

This text presents a pedagogical-musical proposal with/for young children in Early Childhood Education, using a traditional tale as a trigger for a sequence of activities. The idea of bringing a traditional tale into the classroom expands the simplicity of merely setting a story to music, opening up possible paths for a music education that values creation, collectivity, curiosity, and discovery. The legitimization of traditional childhood music, along with the integration of music, movement, and words, sets the tone for this creative exercise. In this sense, we aim for musical experiences with children to become diverse possibilities for creation, agency, and (re)encounter with childhood.

Keywords: *Traditional Stories. Music and Movement. Early Childhood Education.*

MOSCA, Maristela de Oliveira. Música, Palavra e Movimento nos/dos (re)contos de Câmara Cascudo: música tradicional e criação musical. Revista Música na Educação Básica, v. 14, n. 17, e1417D01, 2025.

Para começo de história...[1]

As crianças dançam ao cantar, brincam ao executar instrumentos, gesticulam ao desenhar...um movimento que mostra, todos os dias na escola, que a música nunca é só música (Orff, 1978). Ao compreendermos tais dimensões do desenvolvimento infantil como indissociáveis, assumimos, nos atos de aprender e ensinar música, experiências que trazem a expressão vocal, corporal e instrumental, dando espaço à criação, à fruição e à construção de um conhecimento que transcende ao "aprender uma música" ou "saber tocar algum instrumento", já que:

A música é movimento sonoro, o movimento é som dançado
(Goodkin, 2004, p. 17).

> A música começa no interior do ser humano e assim o seu ensino. Não com o instrumento, com o primeiro dedo ou a primeira posição, não com este ou aquele acorde. Primeiro é o próprio silêncio, o escutar dentro de si mesmo, é estar disposto para a música, é sentir o pulso do próprio coração e a própria respiração (Orff, 2011, p. 31).

Assim, inspirada nas oralidades dos contos tradicionais[2], a sequência didática apresentada assume como perspectiva a (re)criação de experiências musicais, por meio do trabalho coletivo, da experimentação de movimentos e gestos sonoros, da ressignificação de cantigas tradicionais da infância, de domínio público.

A partir da assertiva de Ong (1998, p. 13-14), de que "a

1. Informações sobre a cronologia e personalidades ligadas à Orff-Schulwerk estão disponíveis no Editorial do Dossiê "Abordagem Orff no Brasil: territórios, musicalidades e encontros": http://dx.doi.org/10.33054/MEB1417D00

2. Todas as ilustrações deste artigo foram feitas pela artista Tainah Viana, que disponibilizou os direitos para uso.

linguagem está enraizada no som", vemos que os contos tradicionais nos remetem à comunicação com/pela oralidade. Eles nos levam a histórias, cenas, causos, de um tempo em que, de geração em geração, as casas, as brincadeiras e os terreiros eram inundados de sonoridades diversas, de palavras sem fim, que apresentavam personagens, narrativas e desfechos. Assim, ler contos tradicionais para as crianças "significa convertê-lo[s] em som", tendo a certeza de que "a escrita nunca pode prescindir da oralidade" (Ong, 1998, p. 16).

> E como encontraram,
> Tal qual encontrei;
> Assim me contaram,
> Assim vos contei!... (Cascudo, 2000, p. 23).

O conto popular, de acordo com Câmara Cascudo (2000), tem como características a antiguidade, o anonimato, a divulgação e a persistência. Nesse sentido, trabalhar com as musicalidades da tradição traz possibilidades de materialização das memórias populares, por meio da música, da palavra e do movimento. A performance com os repertórios tradicionais nas experiências musicais da escola de educação básica evoca as tradições orais, os sentidos do fazer, a diversidade sonora.

> Luís da Câmara Cascudo foi um historiador, antropólogo, advogado e jornalista brasileiro. Entre suas muitas contribuições, destaca-se a fundação da Sociedade Brasileira de Folclore. Pesquise um pouco mais sobre sua trajetória.

Por meio da releitura de um conto selecionado, o propósito é trazer, pela ambiência criativa, possibilidades de música, palavra e movimento — pelo fazer artístico, pelo trabalho coletivo, pelas reflexões e desdobramentos do fazer musical, a partir dos pressupostos da abordagem Orff-Schulwerk. Nesse sentido, pretendemos

também apresentar possibilidades de ampliação das compreensões do fazer musical e, pela reflexão docente, expandir ações em relação à área do conhecimento, bem como oportunizar a reflexão de um currículo constituído no cotidiano.

Contos em ação

Os contos tradicionais foram, muito antes, mais ouvidos do que lidos. Eles nos possibilitam movimentos que podemos chamar de *'leituracontação'*[3], quando a escrita do texto se faz um roteiro, e não uma prescrição. As sonoridades, os encantos vocalizados em diferentes timbres, alturas, intensidades, nos remetem à musicalidade primeira — do conto, não da sua escrita. Os contos tradicionais nos levam a tempos distantes, sem contar o ano; a lugares diferentes, sem que nos conte o nome da cidade; aos costumes de outrora, demonstrando sua "ancianidade histórica" (Cascudo, 2000, p. 13).

> ***Os contos variam infinitamente, mas os fios são os mesmos.***
>
> ***A ciência popular vai dispondo-os diferentemente.***
>
> ***E são incontáveis e com a ilusão da originalidade***
>
> **(Cascudo, 2000, p. 22).**

Contamos, não para interpretar, mas para desfrutar com encantamento e, assim, criar possibilidades de criação coletiva. Para contar, (re)contar, (re)criar e materializar o conto em forma de música e seus movimentos, escolhemos um Conto de Encantamento — O Espelho Mágico. Os contos de encantamento "correspondem ao Tales of magic, Tales of supernatural, o Cuentos, Conti, Racconti, Fairy Play, Marchem, o mi-soso dos negros de Angola, skarki dos russos" (Cascudo, 2000, p. 21), e têm como características quase sempre um final feliz, sendo ambientado no sobrenatural, com príncipes, princesas

3. Trago, inspirada em Alves (2024), a escrita dos termos, antes dicotomizados, entre aspas simples e itálico.

e animais com poderes em suas narrativas.

Na ambiência do encanto, as cantigas infantis de tradição foram incorporadas ao trabalho. Nesse sentido, legitimar o cancioneiro infantil e (re)visitar um repertório em sua riqueza e possibilidades não é sobre resgatar a música da infância, mas sim experienciar mundos sonoros que considerem a qualidade musical e as infâncias. Assim, podemos afirmar que:

> Quando brinca a criança pratica o canto, a métrica, o andamento, a dinâmica, a expressão, o timbre, enfim, a música em todas as suas dimensões. Cultivar esse repertório no cotidiano das crianças corresponde a proporcionar-lhes o contato com a música de diversas formas (Silva, 2016, p. 186).

A sequência didática foi acolhida como organizadora dessas trilhas de trabalho. É importante destacar que ao denominarmos trilha, pensamos em caminhos possíveis de alterações, de desvios de rotas e de improvisações. Pautada em Zabala (1998), abarco a complexidade da sequência didática e seus movimentos, me questionando se a sequência proposta é apropriada à idade e ao desenvolvimento das crianças; se ela permite diferentes diálogos interdisciplinares; se coloca as crianças como protagonistas e, se permite desvios de rotas e improvisações.



Esta sequência foi desenvolvida para crianças da Educação Infantil, na faixa etária dos 5 anos de idade. Retornando às trilhas, os caminhos podem ser modificados para que possam ser trabalhadas com crianças maiores ou menores, tendo como premissa o que foi destacado acima acerca da proposição da sequência didática.

CONTOS TRADICIONAIS DO BRASIL

O ESPELHO MÁGICO

Objetivo da sequência didática

- Apresentar, de forma vivencial e colaborativa, um trabalho criativo em música e movimento;
- experienciar os pressupostos metodológicos da Abordagem Orff-Schulwerk;
- apresentar possibilidades metodológicas na condução de aulas de música com crianças.

Objetivos de aprendizagem

Ao final da sequência didática, é esperado que a criança:

- Participe coletivamente dos processos de descobertas, hipóteses e criação;
- Conheça e interprete as canções apreendidas;
- Execute movimentos e gestos sonoros diversos;
- Amplie seu repertório de canções, movimentos e gestos sonoros;
- Compartilhe suas descobertas com o grupo.

Introdução

Atitude favorável/ motivação	• A sala de aula está cheia de lencinhos pelo chão (que podem ser substituídos por retalhos)
	• cada criança escolhe um desses lencinhos — que serão lencinhos mágicos;
	• brincar com os lencinhos, em movimentos diversos, ritmos e velocidades diversas — podemos utilizar instrumento musical ou uma gravação para acompanhar;
	• chegou a hora dos lencinhos virarem animais. Cada criança vai, ao comando da professora, utilizar o tecido para se fazer esse animal (nas mãos, na cabeça, possibilitar e estimular diferentes movimentos, gestos e esculturas).

Desenvolvimento

Formigas

*Brejeiro – Ernesto Nazareth *Formiguinha da Roça – tradicional da infância	• Os lencinhos, nas mãos das crianças, viram uma bolinha que, ao ser amassada, vai transformando as mãos das crianças em formigas
	• sondagem: como fazem as formiguinhas? Elas são rápidas ou lentas? Elas gostam de viver juntas ou sozinhas?
	• a dança das formigas, mãos que dançam;
	• Formiguinha da Roça. Se as mãos são as formigas, elas podem andar pelo corpo, enquanto cantamos a canção.

Carneiros

*Carneirinho, Carneirão – Villa-Lobos (Guia Prático)	• Os lencinhos vão para os tornozelos das crianças e são atados com um pequeno nó, para ficarem como uma tornozeleira
	• sondagem: quem conhece um carneiro? Vocês já viram um carneiro? (pode-se levar uma imagem do animal) Como anda um carneiro?
*Carneirinho, carneirão – tradicional da infância	• Andar com as quatro patinhas, devagar, como o acento da música ao piano. Ao final, todos os carneirinhos dormem
	• Acompanhar a canção com tambores ou clavas (ou qualquer outro objeto sonoro disponível), que marque também “os passos” dos carneirinhos, no acento.



Peixes	
*La mer – Claude Debussy	• Um grande pano azul é estendido na sala e todos os lencinhos são colocados sobre ele
*Peixinhos do mar – tradicional da infância	• As crianças seguram o pano azul e brincam com os peixinhos que estão nadando livremente. • Brincar de mar, de peixinhos que nadam pelo chão e sobre o grande pano estendido;
*A Maré encheu – tradicional da infância	• As canções "A Maré encheu" e "Peixinhos do Mar" podem ser acompanhadas com guizos ou gestos sonoros.

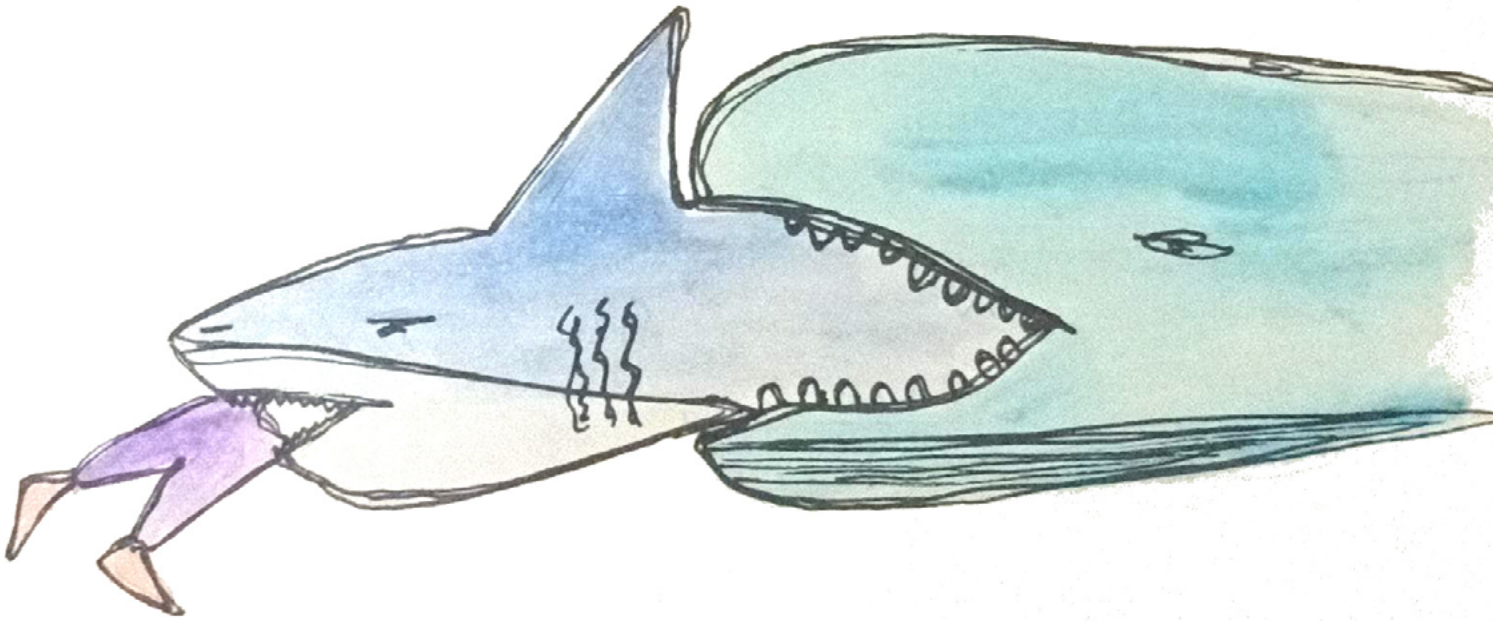
Gaviões	
*Passa, passa, gavião – tradicional da infância	• Os lencinhos se amarram aos pulsos das crianças, são agora as asas do gavião • Sondagem: quem sabe brincar de passa, passa, gavião? O que vamos imitar? (Animais? Profissões? Instrumentos musicais?) • Organizar as crianças em grupos de instrumentos musicais ou objetos sonoros e ao cantar ".....faz assim", só o instrumento chamado ser executado.

Quem conta um conto...

- As crianças já conhecem todos os animais e a contação pode se dinamizar por meio da participação ativa das crianças, a cada vez em que os animais são convocados no conto.

A Festa de Casamento

- A festa de casamento da princesa com o rapaz é o momento em que as crianças são convocadas a planejar essa festa.
- Como será o baile? Em que momento cada música dos animais será convocada?
- Música, movimento, dramatização — a palavra que se torna música, um conto que se transforma em vida.



CONCLUSÃO

Avaliação das aprendizagens

- Avaliar os processos é retornar aos objetivos elencados e verificar em que medida conseguimos alcançar, junto ao grupo.
- As crianças devem ser convocadas a contar sobre as coisas que aprenderam, como se afetaram diante das experiências. Roda de conversa, desenho, jogo de palavras, são recursos metodológicos apropriados para crianças pequenas.
- Os registros avaliativos podem se materializar em portfólios, em diários, em relatos de experiência.

Quem quiser que conte outro...

A proposição da sequência didática traz uma das muitas possibilidades de uma viagem imaginária, por entre bichos, cantigas, amizades, instrumentos musicais, gestos sonoros e um amor. Assim, o conto se desdobra em nós de uma rede que aproxima, cria, se movimenta e materializa em conhecimentos, de música, de arte, e de infância.

A criação coletiva é tratada como modo de constituir, coletivamente, a releitura do conto, a partir da música, do movimento e da palavra, em atos performáticos. Assim, ela pode despertar reflexões acerca dos processos de fazer e aprender música, tendo as crianças como

protagonistas das invencionices musicais e a professora como a mediadora dos processos de ensino e aprendizagem. A proposta com o conto deve abrir diferentes possibilidades criativas para contar, cantar, brincar e dançar. Façamos música!

Músicas de Domínio Público (D.P.)

São músicas que, por serem da tradição brasileira ou terem seus compositores falecidos há mais de 70 anos, ou ainda que não tenham herdeiros, são de livre acesso e não necessitam de pagamento de direitos autorais. Pesquise por elas usando os termos "Músicas de domínio público"; "Músicas públicas para uso".

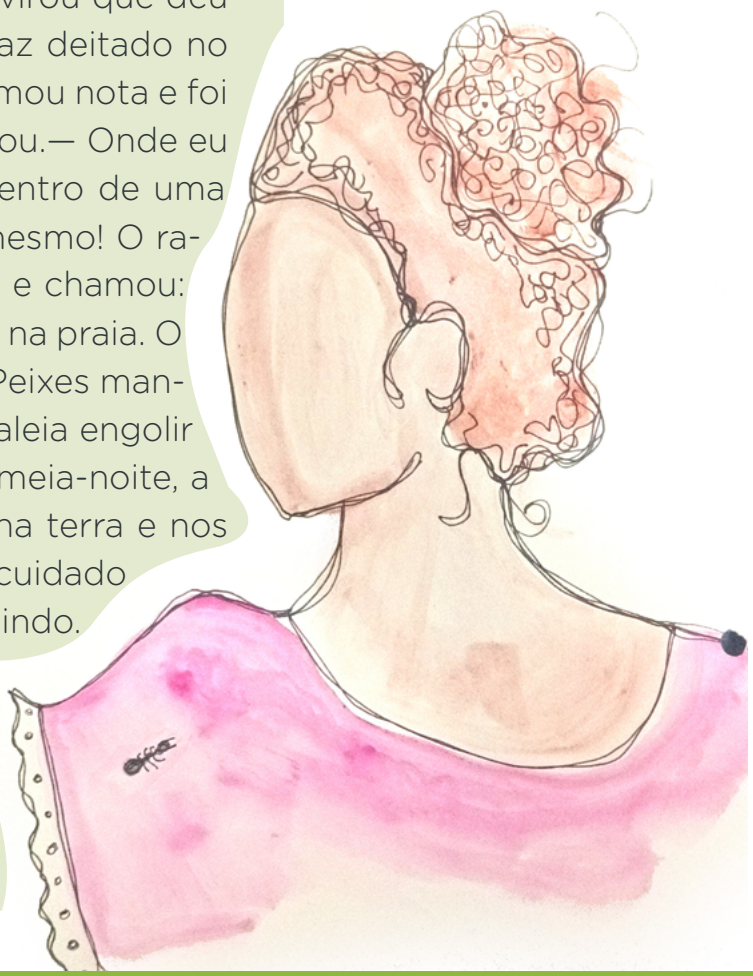
O Espelho Mágico

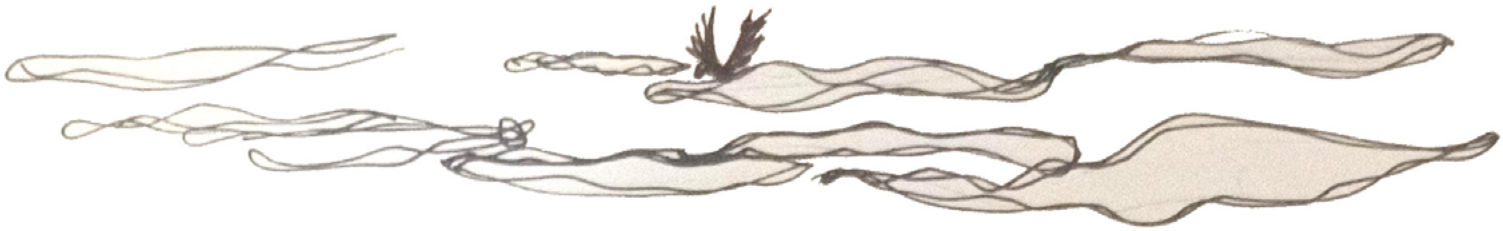
Foi narrado para Câmara Cascudo por Cícero Salvino de Oliveira, em Alexandria/RN

O rapaz, órfão de pai e mãe, saiu pelo mundo para ganhar a vida. Ia por um caminho quando viu uma pedra tapando a boca de um formigueiro e as formigas lutando para arredá-la. O moço, que tinha bom coração, abaixou-se e tirou a pedra com cuidado para não matar as formigas. Quando acabou, uma formiguinha falou:— Se você se encontrar em dificuldades, diga: Valha-me o Rei das Formigas. O rapaz seguiu sua estrada e adiante encontrou um carneiro com uma pata enganchada num arame. Soltou o bichinho. O carneiro disse:— Quando você tiver uma dificuldade, diga: Valha-me o Rei dos Carneiros! Lá mais longe o rapaz viu um peixe dentro duma poça d'água rasa, quase se acabando. O peixe estava com o lombo de fora, morrendo. O moço tirou-o da poça e sacudiu numa lagoa perto. O peixe mergulhou, foi embaixo, veio em cima e falou:— Quando você tiver uma dificuldade, diga: Valha-me o Rei dos Peixes.



Quase avistando o reinado, o rapaz encontrou um gavião deitado no chão, seco de sede. Levou-o, deu-lhe um banho, deixou ele beber água e soltou. O gavião voou para um galho de pau e disse:— Quando você tiver uma dificuldade, diga: Valha-me o Rei dos Pássaros! Chegando no reinado, o rapaz soube que a princesa tinha um espelho mágico que mostrava todas as cousas escondidas. O espelho só tinha forças de meia-noite até o primeiro cantar do galo. Quem se escondesse, e a princesa não descobrisse, casava com ela e, se ela achasse, perdia o homem a vida. O rapaz foi se oferecer para essa aventura. Na primeira noite, procurou um canto fora do reinado e disse: Valha-me o Rei dos Carneiros! O carneiro apareceu e o rapaz disse o que queria.— Monte nas minhas costas! — O rapaz montou e o carneiro largou-se correndo, de mato a dentro, para umas brenhas fechadas onde havia uma gruta. Deitou o rapaz na gruta e encheu os arredores de carneiros, uns por cima dos outros, que ninguém via outra cousa afora carneiro. À meia-noite a moça puxou o espelho e procurou o rapaz por todos os lados. Tanto virou que deu com a gruta, e o espelho mostrou o rapaz deitado no chão, coberto de carneiros. A princesa tomou nota e foi dormir. No outro dia, o rapaz se apresentou.— Onde eu estava escondido?— Deitado no chão, dentro de uma gruta, rodeado de carneiros!— Era isso mesmo! O rapaz apelou para o peixe. Foi à beira-mar e chamou: Valha-me o Rei dos Peixes! O peixe riscou na praia. O moço contou sua dificuldade. O Rei dos Peixes mandou um tubarão engolir o rapaz e uma baleia engolir o tubarão e foi para o fundo do mar. Na meia-noite, a princesa foi consultar o espelho. Caçou na terra e nos ares e procurou nos mares, com tanto cuidado que descobriu onde o rapaz estava dormindo. Na manhã, o moço apareceu e perguntou:— Onde eu passei a noite?— Dentro de um tubarão, este numa baleia, no fundo do mar!— Era isso mesmo! Dessa vez o rapaz chamou o gavião e contou





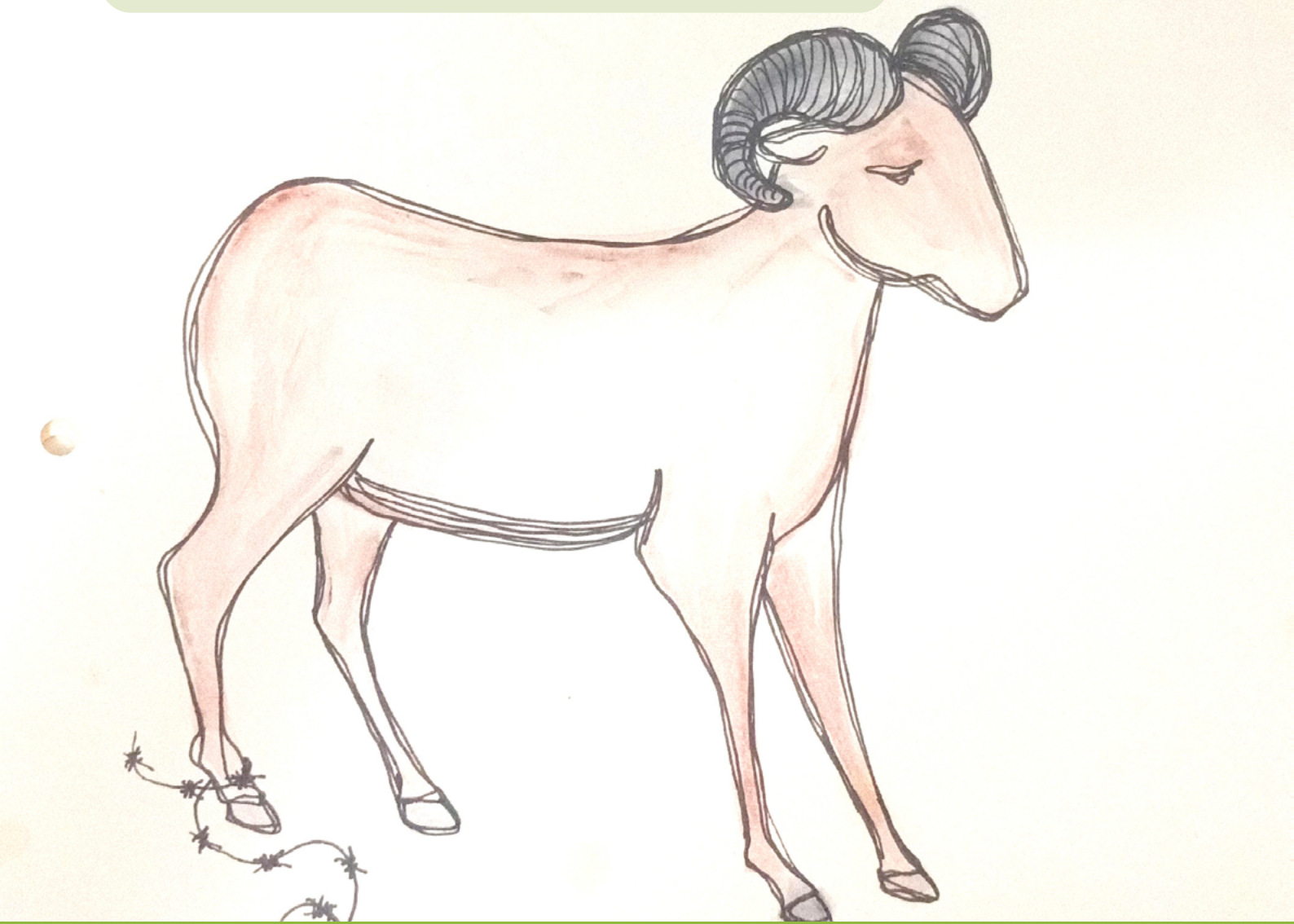
sua agonia. O gavião levou-o nas costas até em cima das nuvens e lá apareceu outro gavião ainda maior que cobriu o Rei dos Pássaros com suas asas. À meia-noite a princesa procurou o rapaz nas águas e na terra e não achou. Procurou nos ares e não viu. Tanto olhou e olhou que enxergou um pontinho escuro por cima das nuvens. Botou reparo e descobriu tudo. O rapaz, quando veio ao palácio, perguntou:— Onde dormi a noite passada?— Em cima de um gavião, coberto por outro, em cima das nuvens!— Era isso mesmo! Como era o terceiro dia, o rapaz foi condenado à morte, mas a princesa ficou com pena dele e pediu ao rei para deixar o moço experimentar uma vez mais. O rapaz ficou contente e foi valer-se do Rei das Formigas. Esse ouviu a conversa toda e disse:— O espelho descobriu você na terra, no mar e nos ares. Mas o espelho não pode ver a própria princesa. Eu vou virar você numa formiga e você suba para cima do vestido dela e esconda-se bem. Dito e feito. O rapaz virou formiga, entrou no palácio, foi ao quarto da princesa e subiu pelo vestido acima, bem devagar para ela não pressentir, e escondeu-se na bainha da camisa. À meia-noite a princesa procurou o rapaz em toda parte, virou e mexeu, e nada de ver onde ele estava dormindo. Passou-se a hora das forças do espelho encantado e ela não viu cousa alguma. Amanheceu o dia e o rapaz voltou a ser gente e veio perguntar onde tinha dormido.— Não sei onde você dormiu! Onde foi?— Não digo enquanto não me casar com você! Fizeram o casamento com muita festa e só depois de casado é que o moço disse onde tinha passado a sua última noite de solteiro.

Sequência Didática

É uma estratégia possível, que se desenha para que os alunos possam pesquisar, criar hipóteses, resolver problemas e compartilhar descobertas acerca de um tema específico. Para saber mais, conheça a publicação de Antoni Zabala “A prática educativa: como ensinar”.

Você sabia? Gesto Sonoro

De acordo com Verena Maschat, o gesto sonoro é um gesto expressivo que produz um som. O movimento, necessariamente, não necessita de um som. Saiba mais na publicação “Abordagem Orff-Schulwerk: história, filosofia e princípios pedagógicos”, de João Cunha, Sara Carvalho e Verena Maschat.



Autora



Maristela de Oliveira Mosca
maristelamosca@gmail.com

Doutora em Ciências da Educação, Desenvolvimento Curricular, pela Universidade do Minho/Portugal, Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN. Tem como foco de investigação a (re)construção dos Repertórios Curriculares nos cotidianos escolares, a partir dos pressupostos dialógicos e improvisacionais da Interdisciplinaridade, da Inclusão, da Interculturalidade e da Ludicidade nos processos de aprender e ensinar Música na escola de educação básica. Professora do Núcleo de Educação da Infância-Colégio de Aplicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – NEI-CAp/UFRN, atua na área de Educação Musical com crianças da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, bem como nos Programas de Pós-Graduação em Educação Especial/PPGEEsp e Arte-Rede Nacional/PROFARTES, coordena projetos de pesquisa e extensão, bem como atua na formação docente, inicial e em exercício. Professora certificada pela San Francisco School/CA, é presidente da Associação Orff Brasil/ABRAORFF. Em curso, realiza pós-doutorado na Universidade de Santos – UNISANTOS/SP. http://lattes.cnpq.br/9283862894499360

Referências

ALVES, Nilda. Ainda disciplinas? Por quê? – Pensar essas questões com os cotidianos. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 19, e23372, p. 1-11, 2024. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-43092024000100601 Acesso em: 03 mar. 2025.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Contos Tradicionais do Brasil*. 8. ed. São Paulo: Global Editora, 2000.

GOODKIN, Doug. *Play, sing, & dance*: an introduction to Orff Schullwerk. 2.ed. New York: Schott, 2004.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita*: a tecnologização da palavra. Tradução Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1998.

ORFF, Carl. *The Schulwerk*. New York: Schott Music Corp., 1978.

_____. Reflexiones sobre la música con niños y aficionados. In HASELBACH, Barbara (Ed.). *Textos sobre teoría y práctica del Orff-Schulwerk*. Vol. I. Vitoria-Gasteiz: Agruparte, 2011. p. 31-34.

SILVA, Lucilene Ferreira da. *Música tradicional da infância* – características, diversidade e importância na educação musical. Dissertação Mestrado. Universidade Estadual de Campinas: Instituto de Artes. 200 p. 2016.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa*: como ensinar. Tradução Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.